



Edmond Jabès encontra o exílio

Edmond Jabès meets the exile

Estevan de Negreiros Ketzer*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

estevanketzer@gmail.com

Resumo: O artigo realiza uma reflexão sobre o exílio na obra do poeta judeu egípcio Edmond Jabès. O exílio como condição de criação e de contato acerca da chegada do novo e do resgate do passado como forma de despertar da sensibilidade também aparece na obra do filósofo Jacques Derrida a partir de sua temática desconstrutiva. Em seguida, a ideia do sonho como também algo que está no exílio e que está em desencontro com a interpretação que muitas vezes o reduz a uma produção representativa sem vislumbrar sem acontecimento fora da clausura do signo.

Palavras-chaves: Exílio. Sonho. Edmond Jabès.

Abstract: The article reflects on the exile in the work of the Egyptian Jewish poet Edmond Jabès. The exile with the condition of creation and contact on the second and the rescue of the past as a way to awaken the sensibility also appears in the work of the philosopher Jacques Derrida from its deconstructive theme. Then an idea of the dream as well as something that is without exile and is at variance with an interpretation that often reduces or reduces a representative production without glimpsing without events to the cloister of the sign.

Keywords: Exile. Dream. Edmond Jabès.

O intruso não é um outro que mim mesmo e o homem ele mesmo. Não um outro que ele mesmo que não finda de se alterar, à cada vez afiada, desnudada e superequipada, intruso no mundo também bem que em si mesmo, inquietante impulsionado do estranho, conatus de uma excrescência sem fim.

(Abdelwahab Meddeb)

Criar significa fazer do futuro o passado de cada dia.

(Edmond Jabès)

* Psicólogo clínico, professor e escritor. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).



Para Honatan Fajardo Cabrera, *El Mindalay*.

Então um intruso se infiltra aqui. Ou seria também obra do acaso que um sonho abra uma fenda em nossas ideias, inclusive sobre quem somos? Deparados por um inconveniente, ainda mais quando em nossa tranquilidade diurna a vida parece bem resolvida e calma. Sonhar permite que escapem os monstros em tempos sombrios. Recrudescemos nosso desejo até o sono apontar o cansaço. Não há o que fazer. Esse sono gerador do sonho faz o movimento diante de um corpo imóvel. De uma razão clara e nua só resta o torpor de um acontecimento inesperado na espreita da chegada de um momento de livre desembaraçamento das tensões. Será mais fácil sucumbir à exigência de relaxamento ainda que o que se sintam seja um torpor tenso que impõe um sono pesado?

O sonho aqui provoca a força da letra sobre a folha. A escrita de Hélène Cixous, feita no tempo do lápis sobre o papel, na metáfora do palimpsesto do “Bloco Mágico” freudiano, dando ao tempo a letra aos correios, deixar sua entrega livre tal como um pensamento em direção a uma constelação esquecida. Nosso binóculo ainda é rudimentar, talvez o microscópio precise aqui participar. Preparar-nos para a vinda do outro é sempre encarar o despreparo, o improvisado, o que deseja contato na dificuldade da língua alheia, estranha, confusa, ou mesmo por dentro da língua a ser traduzida. Enquanto paisagem, o sonho nos coloca um ver coberto de nuvens.

O sonho também revela movimentos quando todo o resto do corpo parece imóvel durante a noite. Esta outra via que o aparelho psíquico se utiliza para dizer com distância sua intensidade sonora, verbal, lexicográfica. É nele onde os dicionários deixam escapar seus significados. Um solitário esconderijo secreto da alma em retalhos de quase-pensamentos. Esta outra interpretação dos sonhos, trazendo a solidude e o que foge ao hábito de uma imensa coloquialidade da forma falada. Arremessados ao interior de nós mesmos, nesta responsabilidade, cuja palavra gera uma carga de mais valia, excesso interpretativo que não se pauta pela métrica ou pelo dizer ao deslocar a razão do afeto, o afeto sem razão. Observar um movimento implorando ao outro a interpretação da verdade, os lugares alvoroçados de sujeitos sombras, cinzas do caminhar, agindo por vezes como crianças em corpos adultos. Assim também caminham as interpretações quando não as enxergamos nos sonhos. E na palavra de acolhida haverá quem coloque flores na gélida pedra da realidade, nasce, da noite bem dormida, um pesadelo desperto. É momento que não sabemos morrer o pior dos infernos.

Perguntamos agora qual a propriedade deste sonho. Quem é seu timoneiro? Teremos de encarar o embaraço que é contar um sonho, pois evoca um lugar onde nosso julgamento se perde por completo. Logo, é um lugar sem passos a serem dados. Uma espécie de traição do sono quando a pergunta chega estrondosa. O sonho não deixa



mostras de uma verdade completa, vivendo de uma cena de sonho. Uma parte nossa desperta também, ao menor sinal de encontro com o movimento em sua inteireza. Eis o intruso, habitando o assombroso silêncio que não sabemos escutar. Quem é capaz de silenciar verdadeiramente quando os ruídos clamam novos nomes nunca antes escutados?

Se minha liberdade não estivesse no livro,
onde estaria ela?
Se meu livro não fosse minha liberdade,
o que seria ele?¹

E o que é o livro se não pode deixar de calar quando diante do outro chama sua vinda através do tempo? Assim, o poeta judeu egípcio Edmond Jabès elenca os começos de um movimento somente encontrado na clarividência da noite mais tenebrosa. Jabès é aquele que tem de se exilar para sobreviver ao extermínio em sua terra natal e ir para a França na esperança de hospitalidade. Significa também portar um sentimento interrompido de que a poesia expressa um instante político de insubmissão, de transtorno às ordens ao passar por aquilo que não tem sentido por exceder todos os sentidos.

Nessa viagem de sobrevivência um ser humano nunca é total, mas em suas partes seus seres gritam inquietos. É lá na jaula das coisas prescritas que um apagamento é escutado expressamente. Essa condição por ele denunciada muda sua poesia de lugar a partir de 1957. O tema passa a considerar um estar sozinho que irrompe em meio ao ato revoluto do refugiado, aquele que pede hospitalidade. Isso implica uma parte de iniciativa que não se deixa apanhar no contato repetitivo. Nada mais se repete na vida do exilado, mostra a “impotência de se ter uma terra para si”², possibilidade de um começo tênue. Ele também deixa sua letra como criação do quase involuntário e é perseguido pelo sofrimento da migalha alheia. O que fica no livro também permanece no livro, pois é a história é um testemunho infiltrado na vida de quem a lê.

Nesta tentativa de realizar contato, ainda que de modo incipiente, perfazendo o roteiro e anotando os passos, os passos em falso principalmente, aqueles que nos levam ao peso dos dias e ao recolhimento de uma matéria frágil e sem esperança. Ali encontramos mais um caminhante triste pelas ruas das grandes cidades. Ele fala dentro de si o silêncio das palavras não ditas, comprometendo-se em outro espaço a tentar mais uma vez somente a língua “resiste a todas as mobilidades *porque* ela se desloca comigo”³. Os hebreus chamam de *Galut* o exílio, a condição que sempre chega para ser autoral. *Galut* é uma palavra próxima sonoramente à *Galed* encontrada na *Torá*, na porção intitulada “*Vaietsê*”, justamente aquela em que fala do exílio de Jacó para

¹ JABÈS, 2014, p. 13.

² DUFOURMENTELLE, 2003, p. 56.

³ DERRIDA, 2003a, p. 81.



refugiar-se de uma perseguição impetrada por seu irmão. *Galed* significa justamente o monumento à memória, feito de pedras, local para que todos lembrem e se sintam protegidos. E, na reunião tensa dos sons em um lugar que não se deveria entrar, na tentativa de ter uma vida que siga ainda com todas as dificuldades que ela por si só já nos traz, ainda vem uma ordem de fora que indica a saída forçada. Talvez nem todos tenham a mesma sorte de encontro com o rosto do outro assim em uma nudez qualificada como sagrada. Chegou o tempo de ir para proteger o que ainda resta de esperança para os que virão. As coisas sagradas foram uma a uma atormentadas pelo exílio forçado em terra estrangeira. Isso exige da audição algo a mais, uma nota que não imaginamos escutar entre as doze da escala ocidental. Essa nota que começa a ser como um ponto na nossa inquieta sensação de solidão:

Ta solitude Tua solidão
est un cime fendue é uma coroa fendida
Sa blessure est um cascade Sua ferida é uma cascata.⁴

Uma ferida que se mostra aberta jorra nesta solidão avessa a nomes. Essa escrita no livro aberto é incompreensível para nosso intelecto. O livro põe a pergunta em nossa vida é ele “ao extremo da não pergunta”⁵ ao portar sua voz sem palavra. É uma voz que sai como gesto em direção a um ouvido que não escuta. Esse gesto que se retira lentamente de determinar coisas como signos, exige novamente a pergunta de uma lenta sabedoria: como pensar? Se o coração cansado precisa voltar a ritmar as batidas para adentrar no deserto. “A primeira palavra é a palavra do deserto. Ó deserto das nossas palavras!”, escreveu Reb Aslan.⁶ Esse mesmo deserto a desacomodar as coisas empoeiradas. Abrir a janela para ventilar a primavera, observando o tremular das cortinas, o sopro da poeira sem memória, o aroma das pétalas intumescidas. “Com uma regularidade exemplar, o judeu retoma sempre a sua caminhada rumo ao deserto; Segue em direção a uma palavra renovada, a palavra que se tornou a sua origem”.⁷ Nesta caminhada encontramos justamente na palavra o núcleo da máquina do tempo, trazendo do futuro o estilo do passado que se perdeu nas areais. É no passado que também está o portal para o futuro. Quem terá feito as pirâmides? Retirar a areia é retirar a erosão gradual do monumento, este enorme chamado por nós de cultura, ela também apagando muitos nomes.

A verdade só pode ser violenta.
Não há verdade pacífica.

Toda a violência está no dia.

⁴ JABÈS, 2009, p. 127, tradução nossa.

⁵ CABRERA, 2012, p. 232.

⁶ JABÈS, 2012.

⁷ JABÈS, 2012.



A morte que é o fim do dia é também
violência que chegou a seu termo.⁸

É em uma passagem pequena que estamos a lutar contra o infinito de uma violência obliteradora. Lá aonde nossas questões se põe mais uma vez dentro do seixo esvaziado e impenetrável imanente à todas as coisas. Apenas no toque as coisas se mostram mais verdadeiras. Mesmo na palavra soprada da poesia sua intensidade habita pensamentos não escritos, sem testemunho, sentidos antes da vinda da mão à caneta. Porque talvez seja ali que a escrita dorme um sono leve e o livro se abre pela primeira vez em nossas mãos. O livro se desmancha em letras de testemunhos. “Aqueles a quem se retirou o direito de viver tem direito, ao menos, a um pensamento. [...] um pensamento que seria o seu direito”.⁹ A violência que não se diminui mais, uma vez que seu acionamento deixa o homem entregue a sua condição cultural. O que a violência causa sempre cala a voz do sujeito e não nos deixa responder, não se explica, só entra em desencontro com um desejo que aspira o segredo do silêncio para manter o respeito na esperança de dignidade. Uma ruína que preserva seu espaço, mas cala sem expressar opinião.

Na abertura singela do botão da flor, ainda mais uma vez em seu caminho próprio à ode de seres mitológicos, da mitologia viva desaprendida. A flor sustenta a fragilidade dos seres mortais, como esse momento de desaparecimento eminente. Esse segundo de violência súbita sem lugar para recorrer ao chamado da aurora. Não é nossa terra, porém, vive um sonho nômade, condição do intruso e seus perigos. Também é uma esperança de reviravolta quando um lugar pode nos propiciar a metamorfose interna.

Exigência de uma brecha em nosso continente assimilado. Não mais uma fórmula da palavra apaziguadora, mas poder retornar ao desinteresse do que está fora de nós. “O Dizer entoando da responsabilidade para o outro é contra ‘ventos e marés’ do ser, uma interrupção da essência, um desinteresse imposto à boa violência.”¹⁰ Justamente, nas palavras do filósofo lituano Emmanuel Levinas, uma proposta de não violência chega a nós quando pensar precisa arranjar uma brecha na essencialização do pensamento acerca do Dito (*le Dit*). Talvez também a possibilidade de ver o quanto o pensamento está fora (*hors*) de nós a ponto de não ser algo que assumimos o risco de ser (*être*) o que leva às necessidades do ter (*avoir*), quando a graça da luz matutina esconde a crueldade da noite. Terror noturno que impele o outro ao meu pensamento como no primeiro momento de um encontro. Qual é a face que escurece minha visão? Qual caminho gera a sombra que não posso mais distinguir sua dimensão? Ali temos o problema pelo qual

⁸ JABÈS, 2014, p.13.

⁹ JABÈS, 2013, p. 57.

¹⁰ “*Le Dire étonnant de la responsabilité pour autrui est contre ‘vents et mares’ de l’être, une interruption de l’essence, un désintéressement imposé de bonne violence.*” (LEVINAS, 2013, p. 56).



o olhar e seus suportes esmaecem e se debilitam às custas da passagem intranquila da vivência.

Porque nos parece que quando

Por todo o tempo, o *involuntário* foi, para nós, o *inevitável*.¹¹

Um dever inevitável entra no desencontro irretorquível de uma situação incomum. O tempo só se explica em razão desconhecida, sem vencer o ritual que participamos, também no resguardo da atividade mais exasperada. Acordar do sonho, repentinamente: “O sonho desperta. O sonho vela e ele vela a endereçar injunções inflexíveis à vigília, à consciência vigilante ainda na memória do sonho – uma memória inaudita”.¹² Acordado por ter a experiência que não é possível explicar ainda que seja tão clara em nossa cabeça anuviada. O que não encaixa em uma história parece continuar de um jeito insolúvel. E o que fica de uma memória parece contar uma história incompleta ou incerta.

E quantos sonhos podemos escrever? E quantos dele foram experiências que não podem ser explicadas? Porque um lado consciente e por vezes solitário aprendeu a esquecer muito bem, quase sem deixar seu autor à mostra. Agora apagar é não se sensibilizar com o mundo e o cemitério de palavras sem sentido aumenta. Quem de nós queimaria uma memória assim? Mas é contundente que certas coisas não sobreviverão. O que nos faz perguntar sobre a matéria quase viva do livro, sobre a queima do livro: o que restará dele? Uma cinza levada ao vento, a palavra mais uma vez na exigência do feroz apagamento e dos descontentes que reduzem à cinza o papel. Pode um sonho ser levado ao fogo da mesma forma que poderia ser escrito tal como o sonhador criou? E se tal morte nos fosse dada como certa, certeza sem métrica, poesia sem fala, respiro de um momento que estamos prestes a despertar do sonho e ter os golpes sucessivos da vida. E se acordarmos sem lembrar de mais nada? Fomos invadidos sem direito a resposta. Nosso horizonte mira a palavra para onde não falamos mais sozinhos e justamente devemos manter lá o que nos conduz no instante de indecisão e atordoamento.

A palavra não pode deixar de ser ela própria, mesmo ao cair em perjúrio. O perjúrio da palavra é a errância das coisas em busca de um sentido. A vida em exílio é a volta ao encantamento do mundo na palavra nômade para fazer um outro de si mesmo. “O que se torna um ser humano quando o despojam, não das coisas, nem mesmo da casa, mas do que o liga a interioridade?”¹³ Ele oferece hospitalidade além do humano, na forma animal, para trazer o incalculável em nova chave. A palavra escrita que lembra quem somos, qual é o nosso lugar, a palavra no rastro da memória, tal como um morto que nos visita em espectro, pois não os teme e sim abre “aos vivos caminhos de

¹¹ JABÈS, 2014, p. 13.

¹² DERRIDA, 2005, p. 43.

¹³ DUFOURMANTELLE, 2003, p. 116.



travessias”.¹⁴ Ali a palavra guarda em seu silêncio algo que precisa se alterar, “como ao seu movimento de antecipação e de posteridade que faz com que o primeiro sentido antecipe já o terceiro”,¹⁵ antecipa ao passado, um alerta, presságio da indecidibilidade agitando as convenções.

A grafia que se estende para além da resposta interpretada sob a luz da concatenação de movimentos. Se tal palavra é inamovível sua perda também conduz à condição de estrangeira num mundo de fronteiras e cercas bem fixas. Esta imagem estrangeira, submetida aos maiores interrogatórios, aparece no discurso de Jean-Luc Nancy: “O intruso me expõe excessivamente”.¹⁶ Sem segredos, mas degredos e leveduras que escondem também as intensidades futuras que balbuciam a cada aproximação.

Não é menos perturbador que dentro do sonho o corpo apareça fraturado, parte também retirada dos movimentos infantis. O sonho é a superfície de desamparo dos ideais diurnos, da qual a linguagem humana sempre aparecerá como lembrança simples do cotidiano aclarado. Adentrar-se na noite para suportar a autenticidade da experiência filosófica. Também parte de um jogo que coloca a violência da metafísica tradicional como responsabilidade de cada um. Sempre haverá quem queria incutir no corpo do sonho os valores dos ditos moralizantes com a intenção de despertar uma luz ali inexistente.

Como ser diferente nesta era de escombros? Essa evolução do quadro afetivo humano, em vias de desaparecimento, pois sua transformação ininterrupta não mostra de fato o que movimenta a sensibilidade de cada pessoa. A sensibilidade não pode ser demonstrada quando despertamos do sonho. É simplesmente um delírio caminhar completamente só sem poder enxergar e é assim que o fazemos. Essa coisa que chega ao momento de confessar seu não-saber. “Haveria uma ética ou uma política do sonho que não cede nem ao imaginário nem à utopia, que não seja cessante, irresponsável e evasiva?”.¹⁷ Endereçando ao que também desconhece sua ética, como proclamou o sonho da razão diante do mistério de seu acontecimento no homem. Ao banir o sonho sem o trair (*Ohne ihn zu verraten*),¹⁸ assim como fez Walter Benjamin, diante do acontecimento impossível e revolucionário que nos chega todas as noites, recriando a língua com tudo o que é o refugio do dia, com as sobras da comunicação humana não resolvida.

Esse sonho, como a mensagem da utopia, a ser realizada na questão tensa entre os diferentes usos da linguagem, enraizada no cotidiano. Onde o radical do verbo se

¹⁴ DUFOURMANTELLE, 2003, p. 134.

¹⁵ BENNINGTON, 1996, p. 59.

¹⁶ NANCY, 2010, p. 42.

¹⁷ DERRIDA, 2002, p. 18.

¹⁸ DERRIDA, 2002, p. 20.



confunde em nós “radical porque nutre as mesmas raízes”.¹⁹ A língua se abre ao estrangeiro quando sonha o abismo entre imagem e som. Estar vulnerável nesta descida ao inferno das coisas sem definição. Onde o coração espera por um instante de vacilo racional. A eclosão da falha da linguagem criativa. A língua, como uma experiência da falha, mais uma vez inusitada e particular pelos seus usuários. Usar a língua para que nela se chegue a um ponto tão fechado e cego, na união entre os contrários. Uma união custosa, cara a todo expurgamento do medo, advindo ao presentificar um tempo atávico mal vivido. Espera-se salvação pela remissão da culpa de que somente o outro possa me absolver. Imaginar contém o perigo de manter todas as coisas como o que elas devem ser para quem as imagina, impedindo um movimento de encontro.

Os signos ostensivos da modernidade, que guiam com decadência a falseabilidade das coisas que encontramos no humano moderno e do espetáculo que o acompanha: “O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela”.²⁰ Vive assim na aparência de resposta a expectativa ansiosa de uma imagem emulada em corpo sensual. Que corpo vira desejo dentro do sonho? Desejo desnudado precipitado no gozo imediato. Eis a chegada ao labirinto de imagens, retorno intranquilo à solidão inescapável da lida diurna.

Estas brenhas para assaltos primevos e instantâneos, levam as pessoas invisíveis – pobres, crianças, mulheres, negros, loucos, homossexuais, índios, judeus, islâmicos, estrangeiros – aos caminhos desviantes da escuridão. Caminham eles como um exército de desejos difusos diante de um espelho convexo. Figuras do sonho e da esperança, a serem realizados, como a palavra-chave “*fichu*”, no sonho de Walter Benjamin “luto, a assombrar, a spectralidade de todos os espíritos e ao redor dos retornantes”.²¹ O espírito que persiste em seu assombro espontâneo diante da obviedade da inexistência material. Sonho e loucura, seus espectros escondidos, ainda não são arte, porém, a arte terá de passar por eles em algum momento. A arte terá de se colocar num mundo incompleto, cada vez mais frio à sua recepção. Um mundo *fichu*, pendente entre aquilo que está adoentado, acabado, destruído, em desalinhamento com as estruturas e seus ideais de pureza. Esse mesmo destroço ainda parece ser o véu, o xale feito para proteger o pescoço do frio ou o adereço embelezante no pescoço adotado na França por homens e mulheres.

Os destroços nos afastam de nós mesmos, são amontoados sem forma definida, mesmo que ali tentemos trazer algo representacional. A filosofia e a literatura não tem mais uma obrigação litigiosa com a representação, da mesma maneira sai de cena a

¹⁹ DERRIDA, 2002, p. 26-27.

²⁰ DÉBORD, 1997, p. 30.

²¹ DERRIDA, 2002, p. 36.



interpretação ao supor uma horizontalidade universal indicativa no dito. Lembramos da *Torah* e um de seus capítulos intitulado “*lech lechá*”, de volta a ti mesmo, como o significado de que o êxodo de Abraham deve iniciar para indicar a missão a ser cumprida em busca da terra prometida. Começar um caminho que é condição para estar consigo. O patriarca inclusive ganha uma letra nova em seu nome: Avram passa a se chamar Avraham. A ousadia de nomear também é um ato de fundação, preparação ao inaudito, missão de um povo em um instante de encontro com sua identidade afastada por questões esquecidas. Neste sentido a figura de deus único também reconhece o que cessa o êxodo. É celeste o tempo que nada tem a dizer. Ele se perfaz das cores do céu ao olharmos para cima. O rosto do infinito é o vestígio ao atingir em cheio nossa aclamação por liberdade, realizando assim a escolha das escolhas:

Livro, morada mão-morta? O que se tornaram as paredes
espessas de nossas moradas?
Nenhum telhado nem paredes,
Desde então.²²

Porque a morte é um desembarço ao final. Estamos juntos e talvez tão mortos quanto Antígona, viva e morta, pois lhe é tolhido o direito de enterrar seu irmão em um ritual público. O público imagina que ela está viva quando não está. E um escrito jogado ao fogo faz a denúncia de sua morte sem, no entanto, morrer. O que vive nele é a prisão da cabeça sobre seu rastro, o que não temos acesso ao saber. “O espelho desnorteia o saber”.²³ E talvez por isso também os livros nos olhem quando dormimos, carregam ideias fora de nossas cabeças pensantes, porque estão justamente fora de nosso horizonte leitor. Nosso acesso ainda a ser desenvolvido num útero criativo.

Assim, Jabès escreve para Derrida, em uma explicação a mais para o fim do livro em sua condição apocalíptica. O livro não quer morrer simplesmente porque nasce a escritura. Ele ganha em vida quando sua letra desvia o significado. “Tu és contra todas as repressões e, primeiro, onde o livro solicita, contra aquela exercida sobre a letra; porque a letra, talvez, seja uma origem desviada da origem pelo fato de que ela é ligada a um significado do qual ela porta, em parte, o peso”.²⁴ E ela porta o peso porque em parte porta tudo o que faz pensar. Encontro tenso entre a suspeita de um túmulo a ser violado e ali demandar uma senha para nele adentrar. A operação que corta, por excelência e se mantém fechada ao secreto “isto que parece o confinar na singularidade datada de uma experiência individual.”²⁵ Porque isso tudo faz parte da mesma ferida

²² JABÈS, 2014, p. 100.

²³ JABÈS, 2014, p. 101.

²⁴ JABÈS, 2014, p. 58.

²⁵ “*Ce qui paraît le confiner dans la singularité datée d’une expérience individuelle.*” (DERRIDA, 2003b, p. 35).



que gera a experiência e sua inexatidão vocabular, ainda uma palavra transmite sua possibilidade de limitar a dimensão de existência na vida, de decisão entre o que é e o que não é, tal como a palavra *Shibbolleth* ensina a divisão do mundo entre vivos e mortos, passaporte para um país na esperança do novo, senha articulatória para o êxodo salvar.

Este problema mostra o signo como derivação pura de uma arquitetura antiga, galgada mais na atenção do que na percepção. Perceber aquilo que a consciência deixa escapar. Também na cor cinza um estado de humor, uma cor que nem branco nem preto conseguem resguardar. É uma cor que borrou as definições das cores, é uma cinza que apagou seu signo como presença. “Essa coisa de que não se sabe nada, nem qual passado porta ainda esta poeira cinzenta de palavras, nem qual substância veio consumir-se antes de aqui se desligar”. Desligamento como também a parte que é afastada silenciosamente, num movimento que somos tentados a dizer não-movimento, naquilo que a poeira deixa seus grãos que servirão para um pedaço de imagem rouco, quase imperceptível, ainda talvez o ponto que o sonho mais se aferra em seu abismo inconsequente, em seu umbigo, seu outro “que não uma interpretação.”²⁶

O sonho também deseja algo para além de sua situação de objeto sonhado, nutrido da vida que não existe o tempo todo, ao menos a vida que dá um jeito de abrir uma perspectiva ao sólido monolito de concreto da fala operativa. A letra do livro de areia deve desaparecer, apagar sua origem, sua verdade. Nesta fala tal como oração, evocação de uma superfície, mas reconhecida por vezes no caminho como a fé, posição perturbadora ao conhecimento científico, nasce a reunião de montanhas de areia ao redor da letra. Interrupção da linguagem, mais uma vez pela percepção de que a areia possui o registro de uma tensão no encontro com o infinito, da impossibilidade da resposta, da incansável relação que a ética, na tradição judaica, sempre precede às especulações metafísicas tais como Deus, “Amar a Torá mais que Deus”,²⁷ título de um artigo de Levinas sobre o ensino e a importância das relações humanas antes de qualquer enquadramento moral.

Uma letra sozinha pode conter o livro, o universo. A leitura do livro, nessas páginas, é leitura desmedida de uma letra que nos conduz ao mais longínquo, de sorte que é nesse distanciamento em que abraçamos nossas diferenças, nesses desvios em que, passando de uma à outra, nós nos chocamos com a diferença, que o livro se apresenta como livro impresso em uma ausência que a folha propaga. Ausência de uma ausência descartada que a presença desata.²⁸

²⁶ DERRIDA, 2006, p.19.

²⁷ “*Aimer la Torah plus que à Dieu.* (LEVINAS, 2004, p. 171-176).

²⁸ JABÈS, 2014, p. 59.



E nesse vazio de uma presença que se recolhe em memória, impreterível momento que já passou por nós no bater sutil das asas de uma borboleta. É que quando ela terminar de bater suas asas o fogo terá consumido o escrito. É esta a ausência sofrida que mostra a perda irremediável, traumática, daquele que não estará mais aqui. “O ruído que fazem as palavras no livro são apenas ruídos emitidos pelo fogo, gestos que se tornaram vozes misturadas às chamas”.²⁹ Holocausto de chamas que se entregam a uma proporção cada vez mais profunda. A natureza que admite sua precariedade quando entoava uma canção de destruição. O homem percebe por onde passam os olhos. Só resta a ilha sem promessa de chegada, último refúgio dos criadores, dos que precisam de uma retirada dos excessos para dar conta da demanda excedente à comunicação. Uma outra natureza se revela aos olhos iluminados.

Uma incineração celebra talvez nada de nada, o nada de todo, sua destruição sem retorno mas louca por seu desejo e por sua astúcia [...] a afirmação que dissemina a tumba aberta mas também todo o contrário, o não categórico ao labor do luto, um não(nome) de fogo.³⁰

Mas quantas estrelas ainda precisam brilhar no céu? Em cada brilho a triste mirada de um tumulto silencioso. Nesta calma vacilante presente diante do crime verificado, mas que deve fugir para não ser confundido com o criminoso. O livro mais uma vez escreve a vida que não se entregou, nem à verdade do mundo, nem a ficção de coisas supérfluas. O ser escreve em partículas de um desejo pensante, pensa para se proteger da erosão que criou para se esconder mais um pouco. Essa beleza auto conservativa que se desfez quando se aproximou o crepúsculo, do fim do livro, pois “o escritor jamais lê sua obra. Esta é para ele, o ilegível, um segredo, em face do qual não permanece”.³¹ E nos traz a esperança de que a palavra faça a bênção faltante de um novo limite:

o defunto não diz nada, não deixa aparecer nada de si mesmo, de sua origem ou de seu destino, só uma pista de areia, e ainda anestesiante: areia que queima ou não? Tem lugar de outros, já no plural, de seus nomes e não deles mesmos, há aí cinza, “de outros, há aí cinza.”³²

Cinza que ela também testemunha uma outra interpretação, uma decifração sem signo. O que decifra segue um movimento contrário ao saber, este também o problema que fala mais à ciência positiva do que a psicanálise. E se a psicanálise pode participar com sua linguagem desta busca atenta dos restos, dos momentos sem conexão simples do

²⁹ JABÈS, 2014, p. 60.

³⁰ DERRIDA, 2009b, p. 39.

³¹ BLANCHOT, 2011, p. 14.

³² DERRIDA, 2009b, p. 57.



símbolo, símbolo cansado de retomar um passado imemorial dos horizontes abstratos humanos, distante do ato concreto do êxodo. O símbolo está atávico diante da eminência do nomadismo. O nômade canta junto à incontinência rítmica da natureza, da ordem inversa e da impressão despreparada diante do outro. Sem lugar fixo, nasce uma espécie de região sem o todo como sintoma porque o dito é peça pequena diante da expansão do encontro da natureza no nômade.

Como começar a tocar uma coisa assim? E, no entanto, um ser humano mutante no corpo adolescente se atreve a se dizer imortal, infinito, parte tribal de algo muito maior em termos de humanidade. A humanidade da humanidade perdida nas areias do deserto. Ali onde se inclinam nossos problemas, do egoísmo a centralidade, cuja poesia canta uma glória inacabada, uma glória que não encontra satisfação própria. E conforme os dias demonstram um balbucio presente na firmeza de nossas vivências. Viver torna-se um ato que compõe o desaparecimento da mão que escreve, do intérprete, da totalidade com um fim último intraduzível entre as palavras tornadas gestos. Qual gesto nos traz a diferença?

Confiança naquilo que morre purificando para renascer do desejo de uma morte purificadora graças à qual o vocábulo acrescenta, à sua legibilidade, a legibilidade de um tempo promovido à leitura “diferida” da qual não ignoramos mais que ela é leitura de toda leitura; tempo sempre preservado do tempo abolido.³³

E nisso que se acredita apenas escrever no papel vemos sua inscrição expandir para além das fronteiras meramente formais da boca em direção à representação superficial da mente. A boca encontra um ouvido pela diferença estampada na camada do papel. A singularidade aparece. Discutamos o papel primeiro, sua liberdade ao nos deixar marca-lo. Dali em diante o conceito se tornará sempre menor do que a prática estabelecida nas superfícies, exigência de uma obra, outra formação não mais conceitual. Desaprender na medida que podemos errar. Inesperado fenômeno surgindo na lama do lago profundo. Lá da vibração que faz os peixes recuarem com o temor do predador à espreita. Imagem deste estranho Deus que surge em Jabès como expressão da diferença singular escondida, mas também a exigência de obra aberta ao próximo, como nos indica Emmanuel Levinas “pelo estranho símbolo de Adão criado com duas faces: de uma cabeça - todo o rosto – sem fundo, sem ruptura possível com este Deus, mesmo pela escolha do Mal?”³⁴ Pois o Mal e seu nome que vem sempre que o ser humano erra, literalmente, quando começa sua errância, seu caminho confuso

³³ JABÈS, 2014, p. 54.

³⁴ “*Par l'étrange symbole d'Adam créé avec deux visages: d'une tête – tout visage – sans arrière-plan, sans rupture possible avec ce Dieu, même par le choix du Mal?*” (LEVINAS, 2014, p. 99).



diante de si mesmo. O deserto que cada um deve conduzir em si mesmo. Ali ele erra mais porque a validade de sua escolha perde o limite consigo mesmo: “*lech lechá*”. O deslimite que a poesia traz para mais perto de cada um de nós no começo de um ritmo em passos. Começo de abertura da memória para um alcance não perceptível a olho nu e eis tanto de treva quanto de luz assemelham, ambas coisas advindas da abertura no coração, expressões humanas de uma tonalidade perscrutante à experiência incontornável e iniludível. Ali repousamos os olhos subitamente nas duas aberturas de troca.

Abre meu nome.

Abre o livro.³⁵

Por essa razão, o livro começa no exílio. A partir da leitura ele atinge as distâncias mais altas, as traduções, o que não traduz nem nomeia, entrega com a palavra o livro inteiro, pois assim “abraçamos nossas diferenças”.³⁶ Entre Derrida e Jabès, a filosofia e a literatura, o exílio e a territorializado, formam como o dia e a noite a habitual ausência que demanda seu oposto. A palavra ao tomar para si a ruína de todas as coisas, também inicia seu próprio processo de revolução, reconstituição dos fragmentos em busca de um nome.

Referências

BENNINGTON, Geoffrey. Derribase. In: BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Jacques Derrida*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CABRERA, Honatan Fajardo. Noche en espejo. In: SOUZA, Ricardo Timm de. *et al. Literatura e psicanálise: encontros contemporâneos*. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

DÉBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DERRIDA, Jacques. *Fichus*. Paris: Galilée, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003a.

DERRIDA, Jacques. *Schibboleth pour Paul Celan*. Paris: Galilée, 2003b.

³⁵ JABÈS, 2013, p. 30.

³⁶ JABÈS, 2014, p. 59.



DERRIDA, Jacques. *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Escritura e Diferença*. Tradução de Maria Nizza da Silva, Pedro Lopes, Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2009a.

DERRIDA, Jacques. *Feu la cendre / La difunta ceniza*. Traducción de Daniel Alvaro y Cristina de Peretti. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2009b.

DUFOURMANTELLE, Anne. Convite. In: DERRIDA, Jacques. *Da hospitalidade*. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

JABÈS, Edmond. *Le Seuil, Le Sable: poésies complètes (1943-1988)*. Paris: Gallimard, 2009.

JABÈS, Edmond. *A memória e a mão*. Tradução de Amanda Mendes Casal & Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2013.

JABÈS, Edmond. *O livro das margens*. Tradução de Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2014.

JABÈS, Edmond. Alguns poemas de Edmond Jabès. Tradução de Luis Costa. *Mallarmagens, Revista de poesia e arte contemporânea*, 7 jun. 2012. Disponível em: <http://www.mallarmagens.com/2012/06/alguns-poemas-de-edmond-jabes.html>. Acesso em: 12 mar. 2016.

LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 2013.

LEVINAS, Emmanuel. *Difícil libertad: ensayos sobre el judaísmo*. Traducción de Nilda Prados. Buenos Aires: Lilmod, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *Noms Propres*. Paris: Fata Morngana, 2014.

NANCY, Jean-Luc. *L'Intrus*. Paris: Galilée, 2010.

Recebido em: 23/07/2022.

Aprovado em: 28/08/2022.